

História e Religião na antiga Índia

Base indo-europeia e cristianização

O poder da arte da Índia
deve-se, em grande parte,
à representação
de movimento,
à demonstração
de agilidade,
pensamento activo,
é aí que o artista
põe o melhor
do seu empenho,
pois por detrás
dessa representação
existe e manifesta-se
a ideia simbólica,
o princípio
que se quis representar.

**Hilda Moreira
de Frias**

Instituto Superior
de Ciências Educativas

A Índia é o lugar de origem de uma das mais antigas civilizações, um mundo demasiado variado, com forte densidade populacional, falando mais de duzentas línguas e dialectos distintos¹ e exprimindo por centenas de cultos e religiões as diversas formas de ser e de pensar. Na verdade, tudo quanto a Humanidade produziu de mais complexo e diversificado encontra-se aí representado, tal como Vyasa², o lendário autor do *Mahabharata* afirmou acerca dos seus textos: “o que não puder ser encontrado aqui não existe em lado nenhum”. Por muito tempo tudo foi incompreensível aos conhecimentos e saberes europeus, tornando-se alvo das lendas mais fantásticas. Mas, tal como a Europa, não é o resultado de uma influência isolada, nem de uma civilização e raça únicas, mas antes um espaço onde se mesclam sangues, temperamentos e díspares vivências³.

Situada na Ásia Meridional, o seu nome deriva do rio Indo, em sânscrito *Sindhu* (rio), o maior e mais notável rio da Índia, os persas e iranianos adaptaram o seu nome para *Hendu* e os gregos para *Indus*, tendo tido igualmente a designação de Aryavartã ou Baratavartã – terra dos Árias (arianos), chamando-se depois *Industão*.

¹ Como *hindi, concanin, urdu, gujarati, marathi, malayalam, malagasi, ...*

² Vyasa foi, segundo a lenda, o autor de *Mahabharata*. Era filho do asceta Parasara e da princesa Satayavati. Foi denominado o “Homero do Oriente” e diz-se que escreveu todo o *Mahabharata*, assim como os *Puranas* e compilou os livros dos Vedas.

³ BARRETO, Adeodato, *Civilização Hindu, Livro da Vida (cânticos indianos)*, Hugin editores, Lisboa, 2000, p. 67.

Durante o II milénio a.C. arianos, idos da Ásia Central levaram à Índia as crenças e saberes partilhados com outros povos indo-europeus. Aliás os Árias (do sânscrito *arya*-nobre) ou Arianos, são povos indo-arianos que englobam hindus, iranianos (persas, medos ou citas), arménios, frígios, trácios, albaneses, gregos, povos da Itália, do Báltico, eslavos, germanos e celtas e que portanto apartam qualquer ideia de unidade, nesta multiplicidade de povos.

A chegada dos Arianos à Índia marcou uma nova fase cultural, pois à medida que os seus carros avançavam⁴ para leste foram deparando com comunidades de caçadores e agricultores. Os arianos eram muito superiores em força e poder militar aos outros povos e revelaram grande confiança, talvez fruto do panteão de deuses que adoravam. Foi essa energia que inspirou os poetas a escreverem textos como os *Vedas*⁵.

Os pontos principais da religião védica baseavam-se no sacrifício e na crença de que o Universo tinha de ser constantemente recriado. Os seus deuses estavam associadas ao Sol e à Lua e derivavam de uma cultura guerreira. As religiões indo-germânicas, diferiam em muito umas das outras e o tipo clássico de politeísmo, espiritualizado e desenvolvido, liga-se à vida imanente do mundo. O desprendimento do mundo real que, posteriormente, se tornará no seu carácter essencial, não se manifestou desde o início, mas antes, todas as fases do seu desenvolvimento tendiam para o mistério e para o inatingível.

Na Índia, diversas eram (e são) as culturas e religiões, como o Islamismo, Jainismo⁶, Budismo, Animismo⁷, entre outras. A literatura desenvolveu-se a partir de manuscritos gravados em pergaminho ou folhas de palmeira, guardadas em placas de madeira e envoltas em tecido – tal fez com que se tenham conservado textos do séc. X ou XI. Já se estudava matemática, botânica, astronomia e, desde tempos imemoriais, tentavam compreender os fenómenos da vida, interpretando-os de acordo com a periodicidade dos fenómenos astronómicos. Estudou-se a trigonometria, relacionando os fenómenos vitais do corpo humano com os do cosmos. As primeiras ciências como a medicina, a psicologia e a astronomia tentaram estabelecer datas concretas para a celebração de ritos, bem como para a compreensão do Universo.

O ensino era essencialmente religioso, dentro do espírito filosófico hindu, a religião constituía a base da ciência e da sabedoria⁸, da arte e da literatura religiosas. As instituições de ensino superior eram de três espécies:

- *Agrahara*, semelhantes aos estudos gerais da nossa Idade Média, que se destinavam ao saber de ciências, letras, e artes;
- *Brahmapuri*, reuniões de brâmanes letrados⁹, que tinham por finalidade a leitura e o ensino dos cultos;
- *Mathas*, mosteiros vocacionados para o ensino da escritura sagrada e da arte.

⁴Os arianos faziam-se transportar em carros puxados por dois cavalos, abrindo caminho por entre os territórios de povos menos armados, alcançando assim grandes vitórias militares.

⁵*Vedas* - Livros do Conhecimento.

⁶O Jainismo foi fundado c. 560 a.C., por Mahavira, cujo cognome é o "Vitorioso" ou *Jina*, pois graças à sua vida de asceta conseguiu captar a essência da existência. É uma reforma do Vedismo, contemporânea do Budismo, exprime-se através de um culto ateu, baseado no respeito pela vida, na verdade e na castidade.

⁷O que se refere às possibilidades de manifestação supranormal da alma dos seres vivos. Sistema filosófico em que se considera a alma como causa de todos os fenómenos vitais e intelectuais.

⁸FIGUEIREDO JÚNIOR, *Goa Pré Portuguesa*, Sep. revista *Studia*, n.ºs 12, 13, 14, 1963/4, p. 149.

⁹Brâmanes ou *Brahmins* – casta mais elevada devido à pureza ritual associada à actividade como sacerdotes e letrados, os seus elementos ocupam-se do estudo dos Vedas ou livros sagrados. Nos dias de hoje nem todos já são sacerdotes.

O Oriente preservou a escolástica e as suas tradições, no sentido de continuar a impor o princípio fundamental de viver de acordo com a Natureza, prevalecendo a teoria sobre a prática, de forma a não alterar o curso natural dos acontecimentos. O Homem deveria adaptar-se à ordem imutável do cosmos, aceitar as leis da vida e da morte, resignar-se às influências dos poderes que comandam o mundo. Respeita-se o Absoluto, sendo a Filosofia, qualquer que seja, uma tentativa de libertação espiritual. Assim a inteligência serviria para um fim diferente do de conhecer.

O Infinito é como uma unidade espiritual, o pensamento religioso é uma forma de monismo espiritualista, ou seja, o *Ser* é o *Espírito*. Tudo tem uma aparência enganosa, a renúncia é a prova do esforço para sacrificar a aparência e apreender o *Ser*. A imanência do espírito universal é o princípio da concepção do Mundo.

Os livros sagrados em que se baseiam os princípios fundamentadores hindus dividem-se em dois grupos – a *verdade revelada* e a *tradição*.

Os primeiros são os *Vedas*, os segundos os *Upanissades*. Além destes existem outros livros de cariz épico e moral, doutrinal e didáctico, ou seja os *Smritis*:

- Os épicos *Mahabharata*, que contém o *Bhagavadguitá*, ou a mensagem filosófica de Krishna e o *Ramaiana*;
- Os dezoito *Puranas* – lendas e aventuras mitológicas dos deuses;
- *Dharma Sastras* – entre estes conta-se o código de Manu, livro que contém as regras a seguir quanto à religião, vida social e castas;
- *Vedangas* – livros de gramática e métrica, considerados necessários para compreender os *Vedas*.

O mais antigo período da religião indiana é o período *Védico*, que significa *Saber*. A maior realização dos arianos na Índia pode dizer-se que foi a composição dos *Vedas* ou *Livros de Conhecimento*. O que contém é um princípio cósmico, é a força que suporta e produz, divina e eterna. Os *Vedas* não provêm directamente de mão humana, são de origem absolutamente divina e inspiradora no sentido da *Palavra*, daí que sejam a autoridade infalível para a fé e para a conduta. As colecções de cantos que formam os *Vedas* são designadas por *Mantras* – tal palavra tem diversas explicações, mas a sua origem está no verbo *man* – pensar. Um *mantra* é um pensamento manifestado numa sequência de sons e com um significado espiritual, os *mantras* são sílabas sagradas que contém em si formas particulares de poder cósmico (*shakti*). O *mantra* não necessita de possuir um significado verbal, o importante é o seu som.

Cada *Veda* é composto por duas partes: a *Samhita*, em que são recitados os hinos ou *mantras* e os *Brahmanas*, que contém os comentários:

- *Rigveda* – “Sabedoria dos Versos”, marcadamente politeísta;
- *Samaveda* – “Sabedoria dos Cânticos”, cantos e textos, é mais conhecido pela compilação e métrica da sua poesia;
- *Yajurveda* – “Sabedoria dos Sacrifícios”, fórmulas sagradas, invocações;
- *Atharvaveda* – “Sabedoria dos Sacerdotes Atharvan”, cantos e frases.

A época da civilização Védica terá sido iniciada por volta de 2000 a. C., fazendo os *Vedas* parte dos textos literários mais antigos da humanidade. Ao conhecimento dos *Vedas* atribuiu-se um grande valor e o seu estudo faz parte dos “cinco deveres quotidianos” a saber:

1. Dádivas aos animais (manutenção das aves);
2. Dádivas aos homens (hospitalidade);

3. Dádivas aos antepassados (feixe de lenha);
4. Dádivas aos antepassados e deuses (oferendas várias);
5. Estudo dos Vedas.

A palavra *Veda* significa em sânscrito *brilhar* e *céu*, esta denominação representa os deuses como seres brilhantes e que difundem luz. Os védicos fixam em trinta e três as divindades distribuindo-as em:

- *Vasus* – Céu;
- *Rudras* – Ar;
- *Adityas* – Terra.

O número de grupos de divindades é enorme assim como a multiplicidade de deuses e do ser divino. Os deuses védicos são descritos como deuses da natureza, como forças ou como representantes dessa mesma natureza. Exemplo disso são:

- *Agni* – Fogo – Elemento que surge sob diversas formas;
- *Suria* – Sol – Idêntico às representações solares;
- *Indra* – Raio – Não é o próprio raio, mas é lançado por ele.

Os deuses superiores são em tudo semelhantes ao ser humano, tanto no aspecto como na vida e na essência. Alimentam-se, amam, odeiam e até gostam de pregar partidas, a sua vida espiritual apresenta todas as perfeições desde a imortalidade, onipotência e onisciência.

A época dos textos védicos designa-se por *Época Bramânica*, cujo deus é *Brahma*, que é concebido como divindade masculina, tendo como esposa a deusa *Saravati*. Está liberto das limitações de personalidade e, por isso, é chamado *Brama o neutro*.

A religião Védica é uma religião de sacrifícios. “O Sacrifício é o umbigo do mundo”.

Os próprios deuses, em comparação com o sacrifício, são secundários e acessórios, são concebidos como actores do sacrifício e só podem exercer o seu poder graças à virtude desse mesmo sacrifício, que tem a sua origem no céu.

É interessante verificar que o sacrifício védico é bastante original, pois consiste num banquete oferecido aos deuses. O fogo, a oferenda e os cantos sagrados fazem os deuses descer à terra, é-lhes então pedido que tomem lugar sobre a erva sagrada que se estende diante do altar e apresenta-se-lhes em abundância tudo o que pode alegrar os mortais, como bolos, arroz, leite, banha, carne de animais sacrificados e *soma*. É, igualmente, necessário alegrar os deuses com perfumes, música e danças.

O sacrifício é uma forma de acordo, pede-se às divindades a protecção de inimigos e demónios, a protecção da doença e do mau tempo e que concedam riquezas, honras, boa situação social, filhos e longa vida, no fundo, é uma troca, existindo de igual modo o lado expiatório do sacrifício em que os humanos se esforçam por expiar as culpas, as faltas e afastar a impureza. Se o sacrifício como oferenda tem por finalidade assegurar a riqueza e evitar os males, a meditação tende para o bem absoluto e para a libertação das “dores” do Ser, para a redenção espiritual, que se obtém pela aquisição de conhecimento e é também concebida como um sacrifício espiritual.

Distingue-se igualmente o caminho das obras e o caminho do conhecimento, por um lado, as obras exteriores, por outro o pensamento puro e o êxtase. Embora por processos distintos ambos levam a um mesmo fim celeste, tendem para a salvação das almas. O conhecimento que interessa obter é o da natureza, da origem das coisas e do destino do Homem.

Já os *Upanissades* são uma colecção de textos compostos entre os sécs. VII e V a.C. e formam a última parte dos *Vedas*, designados por *Vedanta*, aqui as interrogações

filosóficas e místicas substituem as antigas preocupações védicas com os sacrifícios rituais.

Os *Upanissades* são constituídos por cento e oito textos e em vez de invocarem deuses externos ao Homem, procuram um deus interior, pelo que a ênfase se desloca dos ritualizados actos de sacrifício para a busca da força sagrada (*brahman*), que vive em todas as coisas.

A grande unidade, a essência das coisas, é representada por fórmulas abstractas. “O Ser penetra todas as coisas, como o sal penetra a água”. Do Ser nasceu o Mundo. O Mundo é sempre concebido como emanção de uma unidade primeira. Tudo sai primeiro do Ser, consiste na sua substância. O pensamento fundamental dos *Upanissades* é esta unidade do Homem e do princípio das coisas, da alma do mundo (*Paratman*) e da alma humana (*Jivatman*).

O conhecimento trás consigo a felicidade suprema e para a atingir é necessário mergulhar profundamente na contemplação. Que toda a consciência não seja mais do que um único pensamento, um estado de perfeito repouso, o espírito torna-se indiferente a tudo o que procura no mundo terreno e nunca mais fica ligado a nada. É um sono em que o espírito não alimenta desejo algum e não concebe nenhuma fantasia, nesta abolição momentânea da consciência pessoal é que o homem mais se aproxima do Absoluto. Do seu lugar intermédio avista: A Terra e o Além. A morte é acolhida com alegria e descrita como a alegre chegada ao Absoluto e à Imortalidade, passando da obscuridade à luz.



Figs. 1 e 2

Complexo histórico de Qutb Minar (1206/1210), em Nova Deli, onde Qutboddin Ailak estabeleceu o sultanato de Deli

E tal como em outras religiões, existe aqui também uma tríade referente a deuses:

- Tríade Védica – Savitar (Sol); Agni (Fogo); Vaiú (Vento);
- Tríade Bramânica – Brahma (Criador); Vixnu (Conservador); Xiva (Destruidor);

e, igualmente, são três os Caminhos da Salvação (*Margas*):

- Dniana-Marga (Caminho de Conhecimento);
- Carma-Marga (Caminho da Acção);
- Bhacti-Marga (Caminho da Devoção);

e três os Mundos:

- Svarga (Mundo Celeste);
- Sausara (Mundo Terrestre);
- Patalla (Mundo Subterrâneo).

A pluralidade dos textos segue a descrição do processo pelo qual o germe, nascido na água, se desenvolve para dar origem ao Mundo – Céu, Terra, Humanidade. Uma frase constante no *Upanissades* – *No começo era a água*:

Finalmente como começou tudo isto?
Como falar de começo no país em que foi já admitido que tudo recomeça!
Nesse tempo nada existia. O nada também não existia.
Nem o espaço nem para lá do firmamento.
O que era? Onde era? Guardado por quem?
Nesse tempo não havia morte nem não morte. Não havia nem dia nem noite.
O Um respirava sem sopro de si mesmo.
Como era quando vieram as grandes águas que traziam o ovo de ouro donde saiu o Um.
Começo da vida e dos deuses.
Os deuses vieram depois desta eclosão. Quem sabe antes?
Qual é o deus que servíamos com o nosso sacrifício?
Quem, na verdade, sabe, e pode dizer de onde surgiram todas as coisas?
Foram fecundadas ou não o foram?
Aquele que vela no céu talvez o saiba.
Ou talvez não o saiba.

Rig Veda (X, 129 - X, 121)¹⁰



Fig. 3 - Jardins de Kesar Kyari Bagh, cujo nome provém das flores de açafraão. Estes famosos e belos jardins encontram-se no Lago Maota



Fig. 4
Templo de Lakshmi Narayn, situado numa ilha rochosa, rodeado por um meandro do rio Betwa, na cidade de Orchoa. Esta cidade foi fundada em 1531, tendo sido a capital dos reis de Bundela até 1738, altura em que perdeu predominância a favor da cidade de Tikamgarh

O germe torna-se um ovo de ouro (*Hiraniagarba*), forma primitiva do ser vivo. Quando *Brahma* sai do ovo forma-se o Céu e a Terra. A origem do mundo é assim contada, no início do *Livro das Leis de Manu*. *Hiraniagarba*, além de ser o ovo de ouro, é igualmente uma divindade com actividade própria, é celebrada como criadora do mundo, assim como *Brama*, *Purusha* e *Prajapati*.

No século VI a.C. deu-se um movimento de insatisfação para com os rituais védicos, originando o aparecimento de diversas seitas, conduzidas por filósofos que apelavam à renúncia das ilusões do mundo, um desses filósofos será Siddhartha Gautama – o Buda, “o que está inteiramente desperto”. O Budismo florescerá por volta do século III a. C., os seus ensinamentos eram lógicos e pouco dogmáticos, encorajando os seguidores a procurarem soluções baseadas nas suas próprias experiências. Criticam a distinção de castas e o papel dos *brahmins* (brâmanes). Para Buda a vida é *dukkha* (sofrimento), pois traz consigo três marcas – velhice, doença, morte. Sofremos pois, ansiamos por permanência nas nossas vidas, mas Buda irá ensinar que nada é permanente. Proclamará também o *anatta* (não-eu), ou seja a negação da existência de uma alma ou um eu permanentes. Para Buda o caminho é o da visão interior e da concentração, que levarão à iluminação e daí ao conhecimento.

Outro filósofo foi *Mahavira*, fundador do *Jainismo*, o maior de todos os ascetas jainistas, que a partir do momento da sua renúncia, passou a andar nu, desinteressando-se

¹⁰ THOMAS, Guy, *Índia*, Plátano Editora, 1975, p. 91.

igualmente da comida e de tudo o que o pudesse ligar ao mundo material e terreno. A palavra *jainista* deriva do sânscrito – *jina*, que significa conquistador, numa ligação àqueles que abriram o caminho, que através da austeridade, conseguiam que as suas mentes e corpos se libertassem de paixões e renascimentos, alcançando a autoperfeição através do abandono gradual do mundo material. Um dos aspectos mais importantes do jainismo é o da não-violência, aspecto esse que governa todas as facetas da vida quotidiana.

Mas perto do século VIII d.C. o Hinduísmo já substituíra o Budismo. Uma das características principais do pensamento hindu é a tendência para a introspecção, daí a sua atitude passiva e tranquila, a vida interior contemplativa, a filosofia, a actividade religiosa, a vida cenobática e monástica, o pensamento metafísico e a renúncia. Baseado nessa contemplação e ao considerar tudo sagrado, ao ver em tudo a presença divina compreende-se a organização da casta¹¹ como um reflexo material dessa mesma realidade. Apresenta alguns elementos de origem Védica, não só em nomes de divindades, mas em lendas, ritos e ensinamentos. No Hinduísmo encontra-se um carácter muito marcado dos brâmanes, reconhecem-se os Vedas como fundo de toda a ciência sagrada e fundamenta-se a filosofia nos *Upanissades*.

Os deuses manifestam-se simultaneamente sob diversas formas: como espírito infinito e invisível do céu, como criador e regulador actual do mundo, como protector dos homens e pregador da verdade incarnada sobre a terra, como entidade corpórea revestida de insígnias divinas e sob o aspecto de imagens de pedra ou metal, em que habitam e recebem as súplicas dos homens. Assim como existem múltiplas formas de divindades, assim há também várias formas de salvação. À prática védica de sacrifício e do conhecimento (*Jnanamarga*) e à meditação filosófica junta-se um terceiro caminho o do abandono completo de si, a deus e à sua misericórdia (*Baktimarga*).

Os principais deuses do Hinduísmo possuem denominações e caracteres muito comuns aos das antigas divindades védicas, mas a forma como os invocam provém dos cultos locais dos génios e deuses secundários. Por exemplo o deus da terra (*Bumia*), cujo culto é primitivo, identifica-se hoje com *Vishnu* e *Bahba*.

A transformação dá-se lentamente até ao ponto em que o antigo deus agrário ou demónio silvestre se torna a encarnação/manifestação do deus principal e goza do culto oficial. Originariamente o lugar onde se adoram os deuses é exterior ao edifício sagrado, consideram-se então os guardiões da entrada do templo e é nessa qualidade que têm lugar no culto, depois alcançam uma capela no templo e são servidos por sacerdotes de uma casta inferior, a transformação continua até que o antigo deus agrário ou demónio silvestre se torna a encarnação/manifestação do deus principal e goza de culto oficial. Aliás o panteão hinduísta é comparado a uma estalagem, devido à contínua passagem de deuses locais a divindades superiores.

A principal forma de relacionamento entre o adorador e o deus é a devoção prática (*bacti*) e é feita para aqueles que têm a força de se elevar à beatitude, pela meditação. *Bacti* é uma forma de amor a deus e de abandono a esse mesmo deus. Os sacerdotes

¹¹ *Casta* – classes em que se divide a sociedade na Índia, são agrupamentos endogâmicos a que se pertence definitivamente pelo nascimento. Nasce-se numa casta, como de resto numa classe social, mas enquanto no último caso existem possibilidades de mudança, embora difíceis, na casta tais possibilidades são nulas, pode-se sim, perder a casta, mas neste caso não se cai noutra inferior, fica-se simplesmente sem casta e escorraçado da sociedade. Desde os tempos védicos que a teoria da sociedade se baseou numa classificação em quatro grupos principais – *varnas*. Dentro de cada uma existem grupos – *jaitis*. Tanto as *varnas* como os *jaitis* estão divididos em superiores e inferiores. Os portugueses designaram os *jaitis* por “casta”, querendo assim significar – “grupos puros”.

desempenham um papel, não de sacrificadores, mas de mestres e doutores (gurus), dirigentes da vida religiosa. O sacerdote é o intermediário entre o homem e deus e o representante vivo da divindade, que nele se incarnou e nele quer ser venerada. A forma de viver dos *gurus* varia muito, os sacerdotes não pertencem, necessariamente, a uma casta mas, por vezes existe exclusividade bramânica.

É importante verificar que o ponto fundamental da religião não é o sacrifício, mas a adoração da imagem ou da representação divina. Por exemplo ligado ao culto de *Vishnu* está a “*çalagrama*” e a “*planta fulagi*” e ao culto de Shiva, o falo – “*linga*”¹², isto é, a forma sensível sob a qual Shiva é adorado, sendo que ao símbolo correspondente feminino – “*yoni*” se presta o mesmo culto, são representados respectivamente sob a forma de cone e prisma.

O Hinduísmo manifesta-se em duas grandes obras narrativas – o *Ramayana* e o *Mahabharata*, que celebram as duas mais célebres *avatares* (encarnações) do deus Vishnu. Alguns poemas e escritos épicos populares começaram a sobrepor-se aos Vedas e foi de um desses épicos, os *Puranas*, que emergiu a *trimurti* ou trindade hindu – Brahma, Vishnu e Shiva. Quanto aos textos de *Ramayana*, estes são, ainda nos dias de hoje, representados teatralmente na Índia e contam a história de Rama, o sétimo avatar de Vishnu, um herói cuja honra e sentido de dever ultrapassa tudo, até o seu amor a *Sita*, a heroína. O *Mahabharata* foi inicialmente denominado *Jaya* (vitória) e é o mais longo poema alguma vez escrito.

O sentir hindu tem como principal fundamento o deus, os seus santuários têm como função abrigar a sua estátua ou um símbolo sagrado. Durante os séculos V e VIII foram erguidas inúmeras construções grandiosas, locais de culto e de sacrifício, talhados nas rochas, escavados ou erguidos, com o fim de glorificar os deuses, através de formas e volumes com significado simbólico. O templo é a figuração, a materialização de uma ideia, de um símbolo com significado. É aqui visível a estabilidade da tradição, a continuidade das representações que caracterizam o templo, como morada do deus e montanha cósmica, a perpetuidade das formas e técnicas que foram utilizadas durante muito tempo e ainda hoje o continuam a ser. Os templos hindus conservam os métodos construtivos, como se as formas utilizadas fossem a expressão da mentalidade, do modo de pensar e da fé de que são o reflexo. Em todas as espécies de culto e rituais podem observar-se as díspares maneiras de representação do divino tendo as artes decorativas ido “beber” àquelas fontes.

Aliás, o Budismo, o Hinduísmo, o Jainismo, entre outras formas de expressar o divino, deram um contributo imprescindível à arte cristã no Oriente. O contraste entre o pensamento oriental e ocidental nos primeiros tempos de Evangelização, foi muito proveitoso. No Oriente predominava o *ideal meditativo*, uma maneira de fugir ao Mundo e de se integrar na Verdade única, já no Ocidente o *ideal contemplativo*¹³ era difundido por S. Francisco de Assis, valorizando antes a observação e a contemplação da Obra de Deus. Portanto, a criação artística pura não existe, as formas artísticas evoluem e deslocam-se dentro e entre espaços díspares, a inspiração advém de variados factores, como os modos de vida, de ser e pensar, da natureza, a situação geográfica, política, social e até formas genéticas, intrínsecas de cada povo.

¹² *Linga* - Representação dos órgãos genitais masculinos ou femininos, símbolo de poder genésico.

¹³ RODRIGUES, Adriano Vasco, “Constantes da Arte Missionária no Diálogo de Culturas”, in *Actas do Congresso Internacional de História - Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Braga, 1993.

Existem inúmeros casos de formas semelhantes, senão até iguais que emergem em espaços totalmente distantes e, à partida, sem qualquer ligação, ora isto terá por fundamento contactos anteriores não conhecidos, mas existentes e transmitidos por antepassados comuns ou por uma memória colectiva inconsciente ou desconhecida, que origina tais formas. Há quem chegue a falar de um “inconsciente colectivo”, formas e conhecimentos transmitidos por gerações e gerações e *avatares*¹⁴ como são os casos das representações das anterior deusas-mães, dos *linga* e das estelas, que foram encontradas em regiões, que se pensa, não tenham tido nunca contactos entre si.

O que melhor caracteriza a arte indiana é o *símbolo*. A interpretação das atitudes das figuras, a significação dos atributos que as acompanham, a posição de mãos, pés e cabeça, são requisitos essenciais para uma boa compreensão do ideal artístico e do que se pretende representar. O poder da arte da Índia deve-se, em grande parte, à representação de movimento, à demonstração de agilidade, pensamento activo, é aí que o artista põe o melhor do seu empenho, pois por detrás dessa representação existe e manifesta-se a ideia simbólica, o princípio que se quis representar¹⁵.

As múltiplas divindades e entidades superiores que compõem o panteão oriental irão influenciar, de forma que não seja fácil a absorção das directrizes católicas europeias e missionárias.

Fig. 5
Igreja
do Espírito Santo.
Margão (Goa)



Fig. 6
Pormenor
da base
do púlpito.
Duas
figuras
(nagas)
a ladear uma
representação
solar

É bom lembrar que Akbar teve o primeiro contacto com a arte cristã através de ofertas, levadas por uma missão jesuítica, em que constava um volume da Bíblia, impressa em Antuérpia e duas imagens sacras, uma do Salvador do Mundo, outra da Virgem, e ordenou aos seus artistas que reproduzissem as peças e um crucifixo em ouro e marfim bem como um relicário em ouro, com o fim de estudar o seu estilo e a respectiva técnica. Os artistas dedicaram-se à cópia e adaptação de gravuras europeias, obras de artistas flamengos e alemães, mas o conteúdo religioso não era o importante, o que interessava eram as novas técnicas, formas, estruturas, ornamentos, permitindo assim novas criações com outros adornos e perspectivas. Surgia, então, uma nova e diferente iconografia, com outros símbolos, alegorias, formas de interpretação. O grande talento de tais artistas fez com que retivessem das gravuras europeias os elementos essenciais, externos aos contextos em que estavam primitivamente inseridos, proporcionando o surgir de obras híbridas e únicas.

¹⁴ *Avatares* – transmigrações de formas.

¹⁵ BARRETO, Adeodato, *Civilização Hindu, Livro da Vida (cânticos indianos)*, Hugin editores, Lisboa, 2000, p. 95.



Fig. 7
Igreja
de S. Jerónimo.
Mapussá



Fig. 8
Pormenor do púlpito (originário da Igreja
do Convento da Mãe de Deus, Daugim).
Figuras masculinas: nagas (meio homem, meio serpente);
figuras femininas: tronco alado aparentando anjos,
parte inferior pisciforme

A pintura e a escultura hindus influenciaram a arte cristã devido à atitude espiritual que ambas possuíam, principalmente a escultura, que, sensivelmente, chegou a atingir a excelência e perfeição, repleta de espiritualidade, delicadeza e graça. A escultura é o resultado da descoberta da imaginária europeia por artistas indianos e a fusão da iconografia cristã com as técnicas centenárias e a arte dos artistas orientais.¹⁶ Na verdade, a arte é fruto do choque entre as necessidades catequéticas das diferentes ordens e do clero secular, com o gosto das populações locais a que queriam chegar. Fundem-se as tradições (oriental e ocidental), a gramática decorativa mistura-se, o preenchimento de espaços é oriental, o que acaba por surgir das mãos dos artistas goeses é um novo produto, exuberante e rico, muito belo e original, que demonstra de forma brilhante este encontro de culturas.

Bibliografia

- ABREU, Guilherme de Vasconcelos, *Investigações sobre o carácter da civilização Arya-hindu*, Comissão Territorial de Macau para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, Macau 1999.
- CONIO, Catarina - *O hinduísmo*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1986.
- DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço Índico*, Ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 1998.
- FIGUEIREDO, Propécia Correia Afonso de, *O Significado dos Símbolos*, Boletim do Instituto Vasco da Gama, n.º 46, 1940.
- PEREIRA, Rui Gomes, *GOA – Hindu Temples*, Printwell Press, Pangim/Goa, 1978.
- RENOU, L., *L'Inde fondamentale. Études d'indianisme réunis et présentés par Charles Malamoud*, Paris, 1978.
- SHATTUCK, Cybelle, *Hinduísmo*, Edições 70, Lisboa, 2001.
- TRANCOSO, Gonçalves Fernandes, *Tratado sobre o hinduísmo*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1973.
- VELHO, Maria Selma de Vieira, *A Influência da Mitologia Hindu na literatura Portugueses dos sécs. XVI e XVII*, Ed. Instituto Cultural de Macau, 1988.
- WATERSTONE, Richard, *O Espírito da Índia*, Taschen, Köln, 2001.
- ZIMMER, Heinrich, *Mitos e Símbolos na Arte e Civilização Hindu*, Ed. Assírio e Alvim, Lisboa, 1996.

Fotos – 1 a 4: Francisco Moura; 5 a 8: Hilda Frias.

¹⁶ DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço Índico*, Ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 1998.